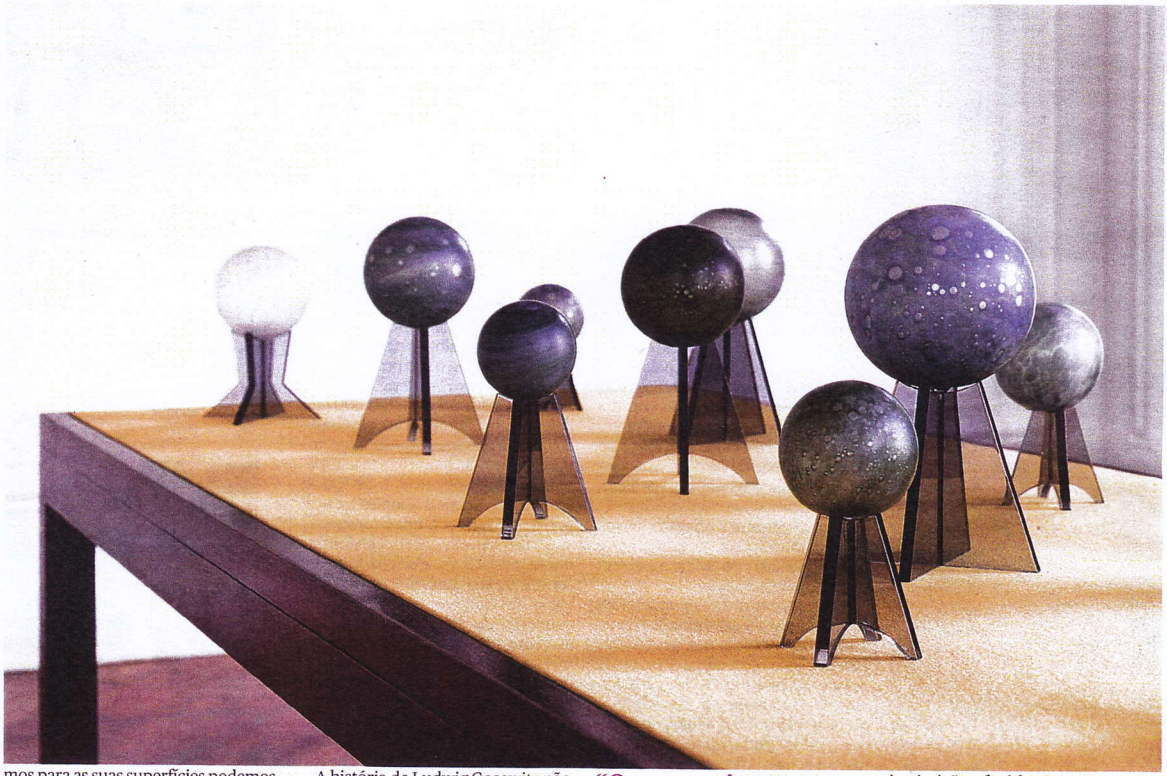
Constelações humanas

Objectos de vidro e desenhos constroem em "Echo Chamber", do holandês Melvin Moti, um mapa de ressonâncias, ligações, encontros. Para lá do tempo e do espaço, num diálogo com a obra de outro artista, a história da arte e a experiência do espectador. *José Marmeleira*



BRUNO LOPES

A Kunsthalle Lissabon, em Lisboa, continua com uma programação internacional estimulante. Depois de Mounira Al Solh, Wilfredo Prieto, Ahmet Ögüt e Pilvi Takala, é vez de Melvin Moti (Roterdão, 1977), artista cujo trabalho tem merecido a atenção da imprensa especializada (nomeadamente da "Artforum" e da "Frieze") - a julgar por "Echo Chamber", que pode ver-se até dia 24, com justiça. Esta exposição, a primeira individual de Moti em Portugal, lida com questões antigas (a originalidade, a história e os limites da arte) sem qualquer intenção programática. A subtileza, o humor e a inteligência dominam.

Num primeiro momento, encontramo-nos diante de objectos enigmáticos. Rugosas esferas de vidro, desenhos geométricos, um diagrama sobre pontos coloridos na parede. O que são? De quem são? A referência a planetas, astros ou mapas parece evidente, mas a melhor entrada para "Echo Chamber" é o título. "Foi uma palavra que encontrei num livro da [escritora britânica] Zadie Smith", revela o artista. "É um espaço mental, onde um autor consegue encontrar outro autor. Porque as questões que ele coloca são as mesmas que outros colocaram. E eu experimento isso enquanto artista". Neste caso, as questões (comuns) têm a ver com a procura da singularidade. "Quero surpreender-me e aos espectadores. Há uma luta constante para sentir confiança na minha obra e nos seus processos. Mas confiança a mais também pode ser negativa, há sempre o perigo de me repetir".

Entre a exploração de uma individualidade e o reconhecimento de que as questões ecoam na História, Melvin Moti descobriu a obra de Ludwig Gosewitz, obscuro artista alemão do movimento Fluxus: "Há três anos, vi uma série de objectos de vidro numa exposição e fiquei fascinado. Não eram muito bonitos, pareciam estranhos naquele contexto e comecei a investigá-los". Conhecido sobretudo pelos seus desenhos geométricos, Gosewitz, um apaixonado pela astronomia e pela astrologia, começara a trabalhar com vidro na fase final da sua vida, ensinando o seu uso e produzindo esculturas. E foi essa mudança de direcção, essa descoberta de uma nova abordagem, que inspirou as esferas de "Echo Chamber". Produzidas com o apoio do VICARTE - Vidro e Cerâmica para as Artes, da Faculdade de Ciências da Universidade Nova, representam planetas imaginários. "Queria explorar a criação de formas e superfícies e tinha como referência os planetas. Quando olhamos para as suas superfícies podemos dizer que de que são feitos. Sempre gostei dessa informação geológica".

Para lá do tempo e do espaço

As outras obras não se afastam do imaginário cósmico e espacial. Cinco desenhos do próprio Gosetwiz representam diagramas astrológicos que assinalam a posição das estrelas. Dito de outra forma, o artista compõe horóscopos da sua família e dos seus amigos. Sobre a parede, uma obra de Moti: uma imagem abstracta do mapa do cérebro humano combina-se com uma profusão de pontos coloridos. "É um mapa de estrelas, concebido através de uma leitura espectral. Diz-nos de que substâncias são feitas. E com o mapa do cérebro criam o diagrama de uma constelação", esclarece, antes de sublinhar "Não quero pensar a relação do homem com o cosmos. O que me interessa é a conexão entre diferentes mentes, a possibilidade de nos ligarmos a outro artista, de passarmos pelos mesmos processos. Uma conexão para lá do tempo e do espaço".

A história de Ludwig Gosewitz não foi a única a fazer Melvin Moti escavar o passado. Uma tela do pintor inglês do século XVIII Joshua Reynolds e uma visita de soldados soviéticos a um Hermitage vazio durante a Segunda Guerra Mundial (no filme "No Show", de 2004) também despertaram, por acaso, novas obras. E quando escrevemos "acaso" é a sério. "É assim que começam os meus trabalhos", diz. "No fim, posso acabar em arquivos e bibliotecas, mas nunca é lá que as coisas começam".

Para além dos objectos, dos desenhos e dos filmes, também a escrita caracteriza a produção de Moti. Alguns livros estão disponíveis para consulta na Kunsthalle Lisssabon: "Na cultura em que vivemos, em que domina o visual, as pessoas precisam de palavras, de informação. A relação entre palavras e imagens está muito desequilibrada. É muito complicado ler imagens, queremos palavras. É uma relação problemática, mas tento lidar com ela. Por outro lado, é importante para mim dar essa informação, em vez de ser o curador ou a instituição a fazê-lo. Garanto uma relação mais estável". E sem qualquer pré-orientação: "Os meus livros não têm instruções. Dentro da minha obra, há a exposição dos trabalhos e o momento privado que é a leitura. Paradoxalmente, os meus livros tentam resistir ao excesso de informação."

> *"O que me interessa é (...) a possibilidade de nos ligarmos a outro artista, de passarmos pelos mesmos processos. Uma conexão para lá do tempo e do espaço"*
> *Melvin Moti*

Melvin Moti acredita em conexões, não apenas entre artistas, mas entre os indivíduos (através da capacidade para verem imagens, como no filme "The Prisoner's Cinema", 2008), e entre o leitor e o autor de um livro. "A literatura, ao contrário do cinema e da arte, é a forma mais directa de entrar na mente, na imaginação de um autor. Não há nada entre o leitor e as palavras que alguém escreveu. E quando nos apercebemos de que o autor tem as mesmas preocupações, sentimo-nos menos sozinhos apesar de todas as distâncias e diferenças".

Melvin Moti tem merecido a atenção da imprensa especializada

SUSANA POMBA